

Intervenção do Bastonário da Ordem dos Médicos, Carlos Cortes no Congresso ‘One Health do Atlântico’

“Senhoras e senhores, caros colegas da área da saúde humana, animal e ambiental, aproveito também para cumprimentar o Excelentíssimo Bastonário da Ordem dos Médicos Veterinários, Dr. Pedro Fábrica. É uma enorme satisfação estar hoje convosco neste congresso One Health do Atlântico, uma iniciativa exemplar das Delegações Regionais dos Açores, da Ordem dos Médicos e da Ordem dos Médicos Veterinários, com a participação, o apoio das nossas homólogas, da Região Autónoma da Madeira.

Este encontro honra a Ciência. Valoriza muito a cooperação entre os médicos e os médicos veterinários e recorda-nos uma verdade que se torna cada vez mais evidente: a saúde é uma só. Humana, animal e ambiental, profundamente interdependente em todas as suas dimensões e os Açores entendem perfeitamente esta realidade, melhor do que qualquer dos outros noutros territórios. É precisamente aqui onde o mar, os animais, o sol e as pessoas coexistem num equilíbrio delicado e exigente.

Falar de One Health não é uma abstração académica, é reconhecer a própria vida quotidiana das pessoas, das ilhas e do mundo. Por isso, este congresso não é apenas oportuno, é uma necessidade. Ele expressa o compromisso de toda a região, dos seus médicos e dos seus médicos veterinários com a proteção da saúde pública, a sustentabilidade e a ciência, com a proteção da vida.

Permitam me, por isso, enquadrar este momento num percurso que a Ordem dos Médicos tem construído ao longo destes dois últimos anos, de uma forma que eu considero sólida e estratégica para esta área. E quero recordar que o primeiro grande passo foi dado no início de 2024, quando a Ordem dos Médicos propôs reunir voluntariamente todas as outras ordens profissionais da área da saúde, num encontro, que vos confesso, foi inédito na história recente deste setor. Foi um exercício extraordinário de multidisciplinaridade, mas sobretudo de visão. Dessa reunião nasceu um documento conjunto sobre uma só saúde, uma reflexão coletiva com o contributo de todos e que traduz a visão única congregada dos profissionais de saúde de Portugal para defender políticas integradas de saúde pública, de ambiente e de sustentabilidade.

Este documento foi entregue na altura ao Presidente da República, ao Governo e aos vários ministérios, mas sobretudo, abriu um capítulo na cooperação interprofissional em Portugal, algo que vos confesso e como sabem, não era muito habitual. Foi de facto a primeira grande iniciativa, enfim, de forma mais estruturada da Ordem dos Médicos neste domínio, porque percebemos perfeitamente que a multidisciplinaridade junta percepções, territórios, culturas profissionais, é também esta a própria essência do conceito de One Health.

Esse encontro antecipou o que hoje é globalmente reconhecido em Portugal; que só com convergência de saberes se constroem respostas eficazes para a saúde do futuro. Este foi o primeiro passo, o segundo grande passo, que acabou por consolidar essa visão, aconteceu sensivelmente em julho e no verão de 2024, com a criação do Grupo de Trabalho One Health da Ordem dos Médicos, em que reunimos vários especialistas de ação pública, de patologia clínica, das doenças infecciosas, da medicina interna, da nutrição, da endocrinologia e da medicina geral e familiar obviamente, um núcleo técnico que passou a apoiar a Ordem dos Médicos e o seu Bastonário em todas estas matérias, na integração desta abordagem na ação institucional da Ordem dos Médicos. Este grupo tornou-se, por isso, um dos pilares científicos daquela que é hoje a nossa intervenção nesta área.

O terceiro passo ocorreu também em Coimbra, num seminário “One Health - um compromisso para a saúde pública global”. Foi um momento que eu considero marcante, porque soube reunir investigadores, médicos, médicos veterinários e também decisores políticos para discutir zoonoses, alterações climáticas, os ecossistemas e os novos riscos emergentes que tão bem conhecemos e que nos preocupam. E este seminário criou um espaço de reflexão nacional que se estava na altura a iniciar. Confesso-vos que foi um evento que me surpreendeu pela sua participação e pela sua extensão e também pelo impacto que criou na altura.

Mas há também aqui mais outro passo que eu não queria deixar de vos relatar, que aconteceu no final de um ano passado, em Dezembro de 2024 e que reforçou precisamente esta dimensão interprofissional. Foi o webinar “As Ordens e a One Health”, onde se reuniram as principais ordens de saúde e de áreas, digamos, adjacentes. Ninguém nesta webinar ficou de fora, criou-se uma divisão clara entre o passado, um passado marcado por muros, por fronteiras e o presente que é para mim muito vincado com aquela que é a nossa cooperação ética e técnica. E, finalmente, a publicação, em 2025, de uma obra “As Ordens e a One Health” que

reúne contributos de múltiplas profissões, de múltiplas personalidades e constitui hoje a principal referência nacional, do meu ponto de vista, sobre esta temática. Esta obra demonstra muito bem que One Health não é apenas uma metodologia, é muito mais do que isso, é uma visão ética, é uma visão social e ambiental para a construção do nosso futuro.

Eu podia aqui a tudo isto acrescentar mais um passo, que é precisamente a integração desta perspetiva, na prática institucional organizativa da Ordem dos Médicos, porque ao longo do ano de 2024 e está a acontecer também em 2025, a One Health passou a informar, através de parceiros, de posições públicas, de várias iniciativas, variadíssimos temas como resistências antimicrobianas, segurança alimentar, alterações climáticas tão impactantes e também, vigilância epidemiológica. A One Health deixou de ser para a Ordem dos Médicos um tema complementar, passou a ser profundamente estruturante da nossa intervenção, da nossa atuação e talvez seria justo a todos estes passos que foram dados pela Ordem dos Médicos, acrescentar um último passo, que é justamente este congresso em que a Ordem dos Médicos tem orgulho em participar e em apoiar.

É no território das ilhas, perante os desafios reais, que esta visão ganha uma vida própria. Mas permitam-me sublinhar algo absolutamente essencial: a ligação profundamente positiva entre a Ordem dos Médicos e a Ordem dos Médicos Veterinários. Esta relação é um exemplo nacional de como a ciência se fortalece quando supera dificuldades, barreiras, fronteiras artificiais.

Médicos e médicos veterinários partilham territórios, partilham riscos, partilham responsabilidades, trabalham na verdade, no mesmo domínio: a saúde pública na sua visão mais lata. Nós partilhamos a vigilância das zoonoses, partilhamos a gestão das resistências aos antibióticos, partilhamos a proteção das cadeias alimentares, partilhamos a resposta às alterações climáticas tão evidentes nos nossos dias. Partilhamos também esta necessidade de preservar ecossistemas absolutamente saudáveis.

Partilhamos o controlo dos vetores, devido à mudança climática que se intensifica e, mais do que tudo, ou melhor dizendo, resumindo, partilhamos uma mesma visão. Ao longo destes anos, a Ordem dos Médicos Veterinários tem sido uma parceira competente, esclarecida, com conhecimento e sobretudo, amiga e leal. Esta cooperação já deu frutos concretos e dará mais com certeza, nestes debates

técnicos e até na tomada de posições conjuntas, passando também pela presença articulada em vários desafios, não propriamente ao nível institucional, mas ao nível dos próprios profissionais.

No terreno, no dia a dia, este congresso mostra o melhor desta relação. Duas ordens que se sentam à mesma mesa para construir soluções, para antecipar riscos e assim poderem proteger populações. E fazem-no com serenidade, com muito rigor técnico e, sobretudo, com ambição. A falar, a dialogar, a contribuir em conjunto para conseguirmos ir mais além.

Se há ideia que este Congresso confirma, do meu ponto de vista, é esta: Ninguém responde sozinho aos desafios que nos são colocados na área da saúde no século XXI.

A Leptospirose que cruza, roedores, animais e pessoas. A tuberculose que continua a exigir, como nós sabemos, vigilância humana e animal de forma muito coordenada. Os microplásticos que atravessam, infelizmente, as cadeias alimentares, as resistências, como já falei, antimicrobianas que se expandem entre hospitais e populações, explorações agropecuárias e águas residuais, as doenças transmitidas por vetores que avançam acompanhadas pelo clima, pelas mudanças climáticas, tudo isto mostra que os nossos sistemas de saúde têm que se abrir uns aos outros, aprender uns com os outros e colaborar definitivamente, de forma muito permanente.

A One Health não é uma moda, não é uma mensagem mediática do momento, não é um adorno conceptual. É uma forma de ética neste momento, uma obrigação deontológica de todos nós, é uma forma diferente de olhar o mundo e a saúde. É uma responsabilidade partilhada de proteger a vida em todas as suas formas. E por isso, agradeço profundamente a todos aqueles que se envolvem nesta temática e agradeço em particular às equipas que organizaram este congresso e a todos os profissionais médicos, médicos veterinários e muitos outros que dão significado a esta ideia com o seu trabalho permanente, quotidiano.

A Ordem dos Médicos continuará este caminho ao lado da Ordem dos Médicos Veterinários e das restantes Ordens profissionais e de todos aqueles que

acreditam que só com ligações, só com cooperação verdadeira conseguiremos proteger a saúde das pessoas, dos animais e dos ecossistemas. Que este congresso seja, portanto, não um ponto de chegada, mas um impulso de partida para a construção de uma melhor saúde, de uma só saúde, feita com inteligência, com humanidade, algo muito importante e que tanto tem faltado nos nossos dias e sobretudo, com uma visão muito apurada, daqueles que são os desafios do futuro, daquela que é a visão para o futuro. A todos um muito, muito obrigado.”